

NOTICIÁRIO TORTUGA

ANO 32 – NÚMERO 346 – JANEIRO/FEVEREIRO – 1986

As grandes conquistas deste produtor de leite mineiro



Raul Pinto e Laura, "Miss Leite B".

A cidade de Itanhandú, MG, já está ficando famosa entre os criadores de gado de leite. É lá que mora Raul Pinto, proprietário da Granja Santa Marta, em sociedade com Pedro Pinto Scarpa, que com um rebanho de duzentas cabeças de gado holandês, média diária de 20 kg/leite/vaca/dia, é especializada na fabricação de queijo parmesão. Eles exploram ainda a avicultura e pecuária de corte.

A fama de Raul Pinto provém de sua atuação em torneios leiteiros, tendo participado em mais de cem deles. No ano passado ele conseguiu dois feitos de grande repercussão. O primeiro foi quando bateu o recorde sulamericano com a vaca Lorena, que produziu 61 kg de média diária de leite numa competição realizada em Cruzeiro, SP. O segundo foi a conquista pela sua vaca Laura do título de "Miss Leite B", por ter obtido o primeiro lugar num torneio leiteiro realizado no hotel Maksoud Plaza, na capital paulista, com produção média diária de 58 kg.

Cliente da Tortuga há mais de dez anos, Raul Pinto diz que tanto a Lorena como a Laura foram tratadas durante os torneios leiteiros "com colheres de sopa de Bovigold, no meio do farelo, uma vez por dia". Aliás, todas as vacas do seu rebanho recebem esse suplemento mineral vitamínico misturado com a ração. "Faço os animais comerem todo dia o Bovigold, quer queiram, quer não".

Consumidor ainda da Fosbovi, Vitagold, Glicofort, Ralgro e outros produtos da Tortuga, "da qual sempre recebo bom atendimento pelo seu representante Sérgio Barbosa", Raul Pinto dá a dica de suas sucessivas vitórias nessas competições: "o grande segredo é respeitar a vaca; ela não erra, quem erra é você".

Gente falando sobre a importância da mineralização

Nos próximos meses já estará pronta a terceira edição do Livro Ouro, contendo depoimentos de 23 pecuaristas dos Estados do Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e de Rondônia, versando sobre a importância da correta suplementação mineral dos bovinos. Instituído pela Tortuga em 1982, o Livro de Ouro reúne um total de 65 testemunhos dos mais importantes criadores do país, hoje plenamente recompensados com o programa de mineralização da empresa, tanto em termos de ganhos zootécnicos como econômicos. No decorrer de 1986 será preparada a quarta edição da obra, desta feita ouvindo pecuaristas dos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e de outros do Norte e Nordeste.



Cartas a Redação

Distância de 350 km

"Foi com muita alegria que recebemos os números 342 e 343 do Noticiário Tortuga. Aqui na nossa região estamos muito carentes de informações a respeito de criação de gado, apesar de há mais de dois anos já usarmos o Fosbovi sal 20, que foi a solução para as deficiências de sais minerais existentes em nossas pastagens. Também já estamos usando o Coequi Sal para os equinos.

Há dez anos estamos nesta região e, sem experiência alguma, iniciamos a criação. Estamos empolgados com os resultados satisfatórios conseguidos com esses produtos, que trazemos a uma distância de 350 km".

Maria Luiza Paim Broglio Paranatinga, MT

Sacrifício e dedicação

"Sou técnico em agropecuária, formado em 1984 pelo Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas, município de São Lourenço da Mata, Estado de Pernambuco. Com muito sacrifício e

dedicação consegui a conclusão do meu curso. Mas o mercado de trabalho por aqui é muito escasso e cheguei até a trabalhar como auxiliar de escritório. Neste emprego não passei mais do que dois meses, pois o meu objetivo é o de trabalhar no campo, junto ao agropecuarista.

Sr. Editor, gostaria de me servir do seu respeitoso jornal para dirigir a seguinte pergunta: "É possível, num Brasil tão imenso como o nosso, que na minha opinião terá sua salvação pela agropecuária, um jovem como eu, com dezoito anos, se formar em técnico em agropecuária e ser obrigado a viver desempregado?"

Ricardo Ribeiro de Souza Carpina, PE

Lugar de destaque

"Sirvo-me desta para agradecer-lhes as remessas do Noticiário Tortuga, manifestar meu desejo de receber novos exemplares e cumprimentar-lhes pelo sucesso alcançado com os produtos desse conceituado laboratório, onde o Fosbovi ocupa merecidamente lugar de destaque".

Hélio Moreira de Oliveira Padre Paraíso, MG.

Pobre em nutrientes

"É com satisfação que recebo o Noticiário Tortuga. Agradeço e elogio o trabalho, uma vez que aqui em Macapá nós, profissionais veterinários, temos dificuldades em receber notícias sobre pecuária e, com isso,

desconhecendo certos produtos modernos. Lendo o exemplar de nº 342 tomei conhecimento do lançamento do Coequi Sal e gostaria de saber como adquirir o produto, bem como o Fosbovi sal 20.

Temos uma propriedade com criação de bubalinos, ovinos e equinos nativos da região. Como a pastagem é pobre em nutrientes minerais, temos a necessidade de suplementar os rebanhos".

Maria das Graças de Souza Lima Macapá - TFA.

Atuação no campo

"Acuso satisfeito o recebimento regular do Noticiário Tortuga, cujas informações são sempre valiosíssimas para nossa atuação no campo. Sou médico veterinário e, sendo assim, as informações técnico-científicas são muito bem vindas".

Evanielto Perini Florianópolis, SC

Permanecem fracos

"Agradeço o recebimento do Noticiário Tortuga, que faz com que a empresa consiga alcançar o seu objetivo, isto é, levar conhecimentos aos estudantes das áreas rurais e também aos homens do campo. Peço maiores informações sobre o produto Coequi Sal, pois pretendo usá-lo nos animais equinos da fazenda onde o meu pai está trabalhando, pois os mesmos permanecem fracos".

Audenir Ortelhado Campo Grande, MS.



GRUPO TORTUGA

Tortuga Companhia Zootécnica Agrária

Fabiani S.A. Indústria e Comércio

Cipagro S.A. Comércio e Indústria de Produtos Agropecuários

Tortuga Administração de Bens e Serviços S/C Ltda.

Administração central: Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1409, 13º e 14º andar, Cep. 01451, telefone 814-6122, telex (011) 22270 (TCZA), São Paulo, SP. **Unidades industriais:** Rua Centro Africana, 219, Cep 04730, telefone (011) 247-3777, São Paulo, SP - Avenida Alberto Coccoza, 3.000, telefones 428-3433, 428-3364, Mairinque, SP. **Filial São Paulo:** Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1383, 18º andar, telefone 815-8745. **Filial Estado de Goiás:** Avenida Castelo Branco, 7480, setor Coimbra, Cep 74000, telefones (062) 233-0488, 233-0802, telex (0622) 381 (TCZA), Goiânia. **Filial Estado do Rio Grande do Sul:** Avenida Farrapos, 2955, 1º andar, Cep 90000, telefone (0512) 43-2600, telex (051) 2494 (TCZA), Porto Alegre. **Filial Estado Mato Grosso do Sul:** Rua Ceará, 1322, Cep 79100, telefone (067) 383-6425, Campo Grande. **Filial Estado Mato Grosso:** Rua 57, nº 92, Cep 78000, telefone (065) 361-4771, telex (065) 2374 (TCZA), Cuiabá. **Escritório Estado de Minas Gerais:** Avenida Amazonas, 641 - 15º andar, cj. 15/A, Cep. 30.000, telefones (031) 212-1407, 212-1077, telex (031) 1519 (TCZA), Belo Horizonte. **Escritório Estado Rio de Janeiro:** Avenida 13 de Maio, 41, 18º andar, Cep 20031, telefones (021) 220-0787, 220-0287, telex (021) 31052 (TCZA), Rio de Janeiro. **Escritório Estado da Bahia:** Rua Portugal, 3, Cep. 40000, telefones (071) 242-0899, 242-5136, telex (071) 1995 (TCZA), Salvador.

NOTICIÁRIO
TORTUGA

Editor

João Castanho Dias
MTPS 8518

Fotografia

Francisca Suriano Silva

Arte

Walter Simoes
Wilson Camargo Filho

Revisão

Roseli Matias Moreira

Tiragem

65 mil exemplares

Redação

Av. Brig. Faria Lima
1390 - 9º andar
Cep. 01452 - São Paulo
Fone: 814-6122

Impressão

Artes Gráficas Guarú S.A.

Americanos devem mais que os brasileiros

O título acima é verdadeiro apenas em parte. O que pretendemos comentar aqui é que se a dívida externa do Brasil anda na casa dos 110 bilhões de dólares, a dívida dos agricultores americanos nos bancos alcança quase o dobro dessa cifra: exatamente 198,9 bilhões de dólares. É a mais aguda crise da "agro business" nos últimos cinquenta anos, o que está levando de roldão a falência de centenas de pequenos bancos regionais e dos próprios agricultores do norte da América.

Como explicar esse fenômeno? Não é difícil, sabendo-se que 40% da produção é dependente das exportações, especialmente dirigidas para os países do Terceiro Mundo. O Ministro da Agricultura dos Estados Unidos, Earl Butz, em 1981, incentivou os agricultores a plantarem cada vez mais para suprir as necessidades mundiais de alimentos. Foi uma previsão totalmente errada.

Hoje os países subdesenvolvidos estão com excedentes agrícolas, como é o caso da China, que aumentou 40% sua produção nos últimos cinco anos, e da Índia, que duplicou suas safras de trigo e arroz.

Para tentar corrigir os erros passados, uma nova legislação foi aprovada pelo Congresso americano, cortando os subsídios à agricultura para tentar diminuir a produção.

Os altos estoques de alimentos em poder dos países da Comunidade Econômica Européia também contribuíram para o estado de choque americano, pois são dois habituais e vorazes ven-

dedores nos mercados mundiais de grãos. Estima-se em mais de 8 bilhões de dólares o valor dos produtos estocados. São quase 1 milhão de toneladas de manteiga, 730 mil toneladas de carne bovina, 18 milhões de toneladas de cereais e 502 mil toneladas de leite em pó desnatado. É uma autêntica bomba relógio nas mãos dos europeus, pois além de não terem para quem vender os excedentes, ainda vêm crescer verticalmente as despesas de armazenagem, pagamento de juros e outros ônus financeiros.

O Brasil nos dias que correm pode tirar proveito dessa situação, como assinala um especialista em política agrícola internacional (ver entrevista na última página). Para enfrentar a escassez de alimentos devido a estiagem, teremos que importar milhões de toneladas de arroz, milho, feijão, leite em pó e outros. Não resta dúvida alguma que apesar do país ter que gastar 1,5 bilhão de dólares nessas compras, os preços a serem pagos não estarão muito inflacionados.

Quer dizer, o presente até que é favorável ao Brasil, mas no futuro quando recuperarmos as safras perdidas? Como vamos enfrentar nossos concorrentes americanos e europeus na exportação? Só existe uma saída: sentar todo mundo nas mesas de negociações e estabelecer acordos multilaterais no comércio exterior de grãos e carnes. Caso contrário, a guerra econômica será trágica para desenvolvidos e subdesenvolvidos.

"Não conseguimos vencer a luta contra a magreza e cara inchada"

Abaixo mais um depoimento do Livro de Ouro, que como dezenas de outros, atestam a qualidade do trabalho desenvolvido pela Tortuga na mineralização.

"Após três anos da formação de nossa fazenda, isso em 1969, tínhamos uma área bem gramada, com o viçoso capim colômbio; porém começamos a notar o gado sentido, não agradecendo a excelente pastagem. Estando a fazenda voltada para a criação, não conseguimos vencer a luta contra a magreza e a cara inchada, a tal ponto de não haver aumento do rebanho. Passamos então a remover o gado de cria para outra fazenda e a nos dedicarmos somente à engorda. Seguiram-se anos de bastante luta, pois a cara inchada e a magreza, apesar de todos os recursos usados, não foram eliminadas. Consultamos vários laboratórios, realizamos várias experiências, sem nenhum resultado positivo. Já desanimados, em conversa com outros pecuaristas foi-nos sugerido o uso de Fosbovi sal 20.

Depois de sessenta dias da administração deste produto pudemos verificar que tínhamos afinal acertado, por que a melhora do rebanho foi bastante sensível. Continuando com o uso do referido sal mineralizado, acabaram-se as doenças e as preocupações, sendo que até o peso da boiada aumentou muito. Portanto, tenho a declarar que o uso do Fosbovi sal 20 na região de minha propriedade foi de eficácia milagrosa, não nos deixando outra alternativa, se não a de continuar a usá-lo".



José Adolfo de Oliveira Andrade
Fazenda São Francisco
Barra do Bugres, MT.

REPORTAGEM

“Ele não é um criador, mas um zootecnista prático”



Isso é o que o pessoal do norte de Minas Gerais fala sobre José Maria Lima Borges, que transformou sua Fazenda Prata num verdadeiro centro de pesquisas de gado de corte e de leite, cruzando zebu e europeu.

Na pecuária de corte ele quer chegar a um animal que aos 15 meses de idade atinja o peso de 15 arrobas em regime de pasto e, na pecuária de leite, a uma vaca que dê 3.000/kg/leite, ano, também em regime de pasto, e que tenha intervalo entre partos de 12 a 14 meses. Um sonho irrealizável? Não para José Maria Lima Borges, que herdou do signo de Escorpião um temperamento dinâmico, criativo, tenaz e que nunca admite perder. Traça seus planos com obstinação e vai até o fim.

O Banco do Brasil tem muito a ver com sua prosperidade. Graças a um

financiamento obtido em 1975, dentro da linha do Proterra, com juros de 7% ao ano, sem correção monetária, José Maria passou de um pequeno para um grande proprietário de terras. Ainda sobrou dinheiro para povoar de gado as pastagens. “O pessoal do Banco do Brasil até ficou orgulhoso quando foi fiscalizar os investimentos feitos”.

Sua maior preocupação é a de ser um pecuarista praticante da mais alta tecnologia. Seleção genética, inseminação artificial e transplante de embriões são expressões corriqueiras na Fazenda

Prata, 800 ha, município de Juramento, norte de Minas Gerais. A criação começou a ser feita num rebanho de quatrocentas vacas da raça Indubrasil. Não demorou muito para José Maria perceber que a baixa fertilidade dos animais poderia comprometer seus projetos e, por isso, partiu para os cruzamentos.

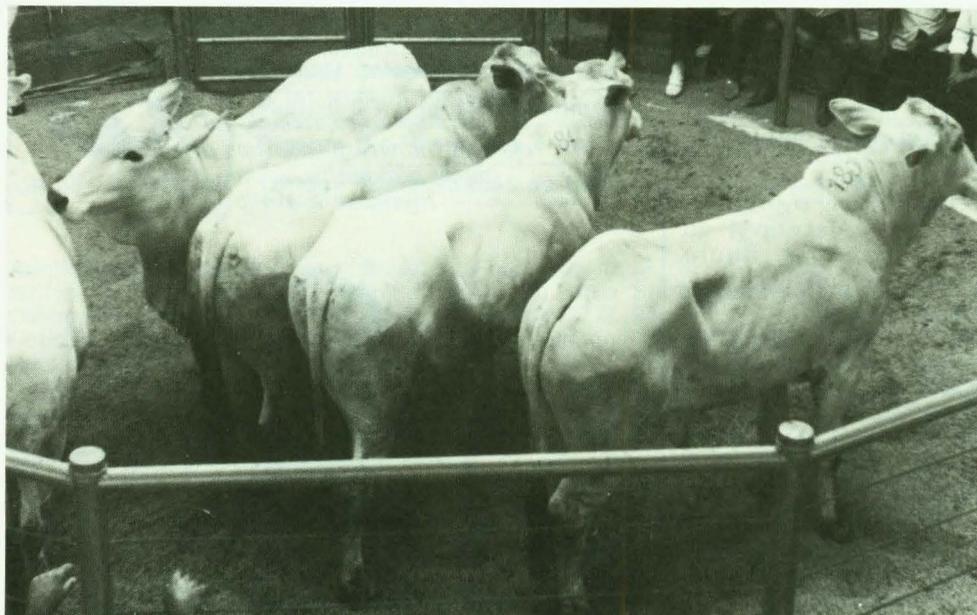
GADO THREE CROSS

Em cima dessas vacas José Maria colocou touro holandês para obter o meio-sangue com vistas à produção de leite. Na outra parte fez cruzamen-

to com Nelore Mocho visando chegar a um gado de corte, bem como para formar um plantel de matrizes a serem empregadas em futuras cruzas. Nas fêmeas nascidas do cruzamento Indubrasil e Nelore Mocho são colocadas touros Chianina, daí resultando o “three cross” Indubrasil x Nelore x Chianina.

O que ele faz com esse gado? Suas explicações: a fêmea passa a integrar o plantel e o macho é engordado para abate. Esse tipo de animal já deu alguns prêmios para José Maria, como o título de bi-campeão num concurso de novilho precoce realizado em Montes Claros, quando apresentou animais de 1,4 dentes com 630 kg de peso.

Aliás, ganhar títulos é com José Maria mesmo. Em 1984 foi eleito “Produtor Modelo” e “Produtor Conservacionista”, respectivamente pelo antigo Ministério Extraordinário de Assuntos Fundiários e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Nesse mesmo ano recebeu do Conselho de Medicina Veterinária de Minas Gerais uma placa pela sua contribuição e apoio à classe. Aceitou essa distinção muito emocionado, confessando que “quando recebi a placa dos veterinários, nesse mesmo dia



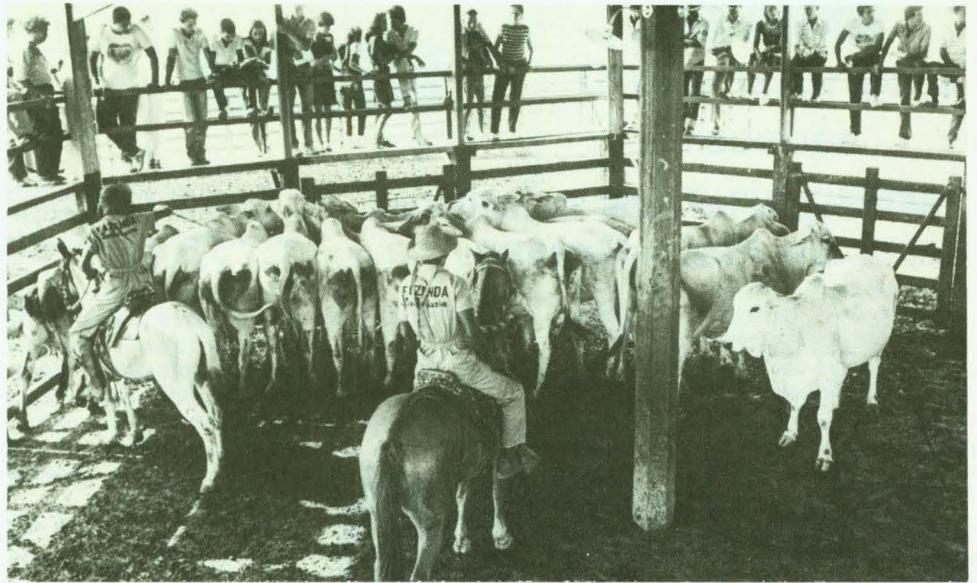
Os disputados novilhos de corte “three cross”

acho que também recebi o diploma de criador". Parou no segundo ano de contabilidade, mas bem que gostaria de ter continuado os estudos em faculdade ligada as ciências zootécnicas.

TUDO IMPORTADO

José Maria tem uma verdadeira paixão por seu trabalho e muita gente fala que "ele não é um criador, mas um zootenista prático", tal é a sua preocupação em fazer tudo certinho, como é ensinado pelos técnicos que sempre estão acompanhando de perto os esforços da Fazenda Prata. Seus planos para o futuro resumem-se em deixar as pastagens impecáveis, reformar todas as cercas, construir novas instalações, inclusive estábulo, implantar a ordenhadeira mecânica, melhorar a alimentação e irrigar áreas de cultura. "No dia que chegar a conclusão que fiz alguma coisa pela pecuária nacional, sentir-me-ei realizado".

Além de pioneiro no norte de Minas Gerais da técnica de transplante de embriões, José Maria detém também o maior índice de produtividade no gado leiteiro da região. Segundo maior fornecedor de leite da Cooperativa Agro-Pecuária Regional de Montes Claros Ltda (Coopagro), e lutando para passar para o pri-



Lote de matrizes mestiças Indubrasil x Nelore Mocho

meiro posto, no período da safra com apenas cinquenta vacas tem uma produção média diária de 600 litros de leite.

Com toda essa performance ele ainda não se considera realizado na pecuária leiteira. Isso será atingido quando chegar a ter sessenta vacas em lactação, produção média anual de 3.000 kg, ou seja, de 13 a 15 kg/ leite dia. A inseminação artificial é aplicada intensamente, 90% das coberturas, feita somente com sêmen de gado holandês importado.

NOVA RAÇA?

José Maria está ainda fazendo outras experiências em cruzamentos. Em

cima da fêmea "three cross" Indubrasil x Nelore x Chianina está colocando machos Fleckvieh e os primeiros produtos já nasceram. São bezerros que atingiram na desmama o peso de 320 kg, entre oito e dez meses de idade. Esses animais foram vendidos em leilão por Cr\$ 4,5 milhões. Além do Fleckvieh, ele vai usar também na fêmea "three cross" animais Aberdeen Angus e Charolês, mas

tudo oriundo de sêmen importado.

Esses cruzamentos estão em fase de pesquisa e dentro de quatro anos deverá estar concluída, quando então será publicado um trabalho. Sempre recusando propostas milionárias para a venda do seu plantel de meio-sangue, José Maria, 38 anos, casado, seis filhos, deixa bem claro que "não quero, tenho até medo, de formar uma nova raça".

PALAVRAS

"Impossível fazer pecuária sem mineralização"

Tempos atrás, participando de uma reunião de criadores, José Maria entrou em contato pela primeira vez com um técnico da Tortuga, quando pode absorver alguns ensinamentos a respeito do uso de sal mineral na bovinocultura. De imediato, "percebi que meu gado estava precisando de um acabamento melhor e me foi sugerida a administração de suplementos minerais, vermífugo e vitamina".

Adotando o tratamento recomendado, ele diz que não demorou muito para despontar com um dos melhores rebanhos da região. "Naquele tempo, o Fosbovi ainda não era encontrado em Montes Claros e eu tinha que comprá-lo diretamente da Tortuga". Na sua opinião, hoje é impossível fazer uma pecuária de corte e de leite moderna sem a mineralização e "confio tanto no sal mineral da Tortuga que não trabalho mais com nenhum outro".



Matrizes PC da raça Indubrasil, a origem da seleção.

MURAL

Mais perto dos criadores de Mato Grosso



Depósito com 500 m² de área coberta

Com a finalidade de prestar melhor assistência técnica aos criadores da região, bem como poder entregar mais rápido e a um custo menor de frete seus pedidos, a Tortuga Companhia Zootécnica Agrária inaugurou em novembro passado, a filial de Campo Grande (MS),

compreendendo escritórios e depósito de 500 m² de área coberta, além de pátio para manobras.

Possuindo um rebanho bovino estimado em 15 milhões de cabeças, o Estado do Mato Grosso do Sul enfrenta o sério problema da carência de minerais nas suas pasta-

gens, o que inibe ganhos zootécnicos mais significativos da sua pecuária de corte. Com a abertura da filial, a Tortuga, visa dar maior cobertura às necessidades dos criadores matogrossenses, colocando a sua disposição uma linha completa de suplementos minerais, além de outros insumos de sua fabricação.

A inauguração das instalações (Rua Ceará, 1322, fone 383-6425) contou com a presença do presidente da empresa, Fabiano Fabiani, dos deputados Levy Dias e Ari Rigo, do Secretário do Meio Ambiente, João Pedro Curtis Dias, do representante do Ministério da Agricultura, Aparício Dornelles, além de outras importantes lideranças rurais e políticas, num total de 150 pessoas aproximadamente.

Reuniões por todo o Brasil

Mais de trezentas pessoas, entre diretores, técnicos, gerentes, supervisores e representantes, estão participando do "Seminário de Desenvolvimento Regional" que está sendo promovido pela Tortuga em todas suas filiais. A programação teve início em janeiro e deverá prolongar-se até abril, constando de reuniões, entre outros temas, sobre potencial de mercado, perfil dos clientes, política de capacitação profissional, estabelecimento de estratégias, além da reciclagem de conhecimentos técnicos sobre pecuária de corte, de leite, e suinocultura, com ênfase à correta suplementação mineral.



Comemoração da medalha no Palácio Bandeirantes



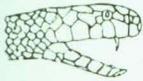
Fabiano Fabiani recebe medalha

Conforme registramos na última edição deste informativo, a Tortuga foi escolhida a "Empresa do ano" do setor farmacêutico pela revista Exame, da Editora Abril, pelo seu desempenho nos itens rentabilidade, crescimento, liquidez, capitalização e produtividade. Nosso presidente Fabiano Fabiani recebeu a medalha alusiva ao aconte-



Coquetel na sede do Governo paulista

cimento em solenidade que contou com a presença do Presidente Sarney, do Governador Franco Montoro e de mais de 1 mil convidados, além de empresários de organizações igualmente premiadas. Diretores e funcionários comemoraram a conquista num coquetel oferecido no Palácio Bandeirantes, SP, no dia 4 de outubro passado.



Por que está faltando soro contra picada de cobra?

A causa principal é porque somente o Instituto Butantã está fabricando vacinas para atender uma demanda cada vez maior.

A necessidade aproximada do Brasil de soro anti-peçonhento (contra picadas de cobras, aranhas e escorpiões) é da ordem de 490 mil doses anuais. Sabendo-se que no ano passado a produção brasileira foi de apenas 113 mil ampolas, chegamos à trágica conclusão que os acidentados por esses animais não estão tendo a devida assistência exclusivamente por falta de medicamento.

Como chegamos a essa situação? Quem dá as explicações é Vera Pires de Campos, biomédica do Instituto Butantã, centro de pesquisas de fama mundial, fundado em 1901 por um médico nascido na cidade mineira de Campanha, Vital Brazil. Segundo ela, a crise começou há dois anos, basicamente por três motivos: saída do mercado de imunobiológicos da empresa Syntex do Brasil, vertical redução da produção de soros anti-peçonhentos por parte do Instituto Vital Brazil, de Niterói, e a maior demanda nos últimos anos desses remédios devido a abertura de novas fronteiras agrícolas.

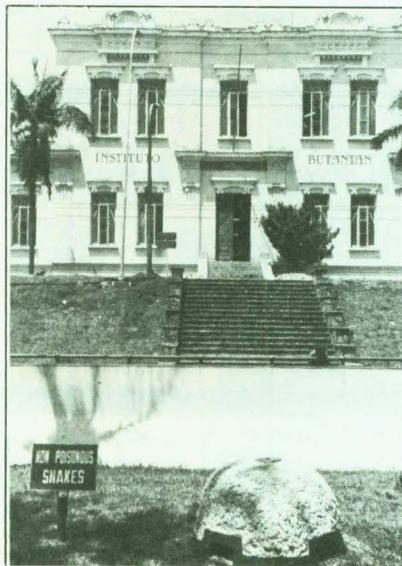
Se não bastasse a coincidência de todos esses fatores, ainda por cima o Instituto Butantã entrou em 1985 em graves problemas internos, mas que agora estão sendo resolvidos com investimentos dos Governos Federal e Estadual, num total de Cr\$ 27 bilhões. Esse dinheiro será empregado na modernização de suas instalações, visando o aumento da fabricação de soros e vacinas, num total de 35 tipos diferentes. Com isso, em 1986, o estabelecimento produzirá 160 mil ampolas de soro anti-peçonhento, duplicando esse volume em 1987.

Atualmente sozinho no mercado para atender toda a demanda do país, todavia o Instituto Butantã poderá ter seu trabalho aliviado com o início da Fundação Ezequiel

Dias, de Belo Horizonte, na produção em escala industrial de medicamentos congêneres. Assim espera Vera Pires de Campos, que logo mais o abastecimento nacional estará plenamente normalizado. Enquanto isso, ela recomenda muita atenção nas caminhadas pelas estradas e matas.

Sobre a reposição de soros aos fazendeiros através de permuta por cobras (ver matéria ao lado), sua informação é de que a partir do segundo semestre isso acontecerá de modo satisfatório. Atualmente o Estado que tem requisitado ao Instituto Butantã maior número de soros é o da Bahia, seguido pelo de Mato Grosso. Entre o início da imunização de animais (operação feita na Fazenda São Joaquim, São Roque, SP, em oitocentos cavalos que servem de cobaias) para preparação das vacinas, até que elas estejam prontas para uso são necessários seis meses de trabalho.

No Estado de São Paulo 90% das picadas de cobras são provocadas pelo gênero *Bothrops* (jararaca, jararacuçu, urutu, etc.), 9% pelo gênero *Crotalus* (cascavel) e apenas 1% pelas corais, que possuem veneno de efeito mais rápido. O bote das cobras alcança, em média, 1/3 do seu comprimento.



Estabelecimento de fama mundial

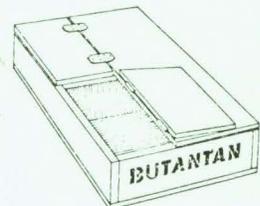
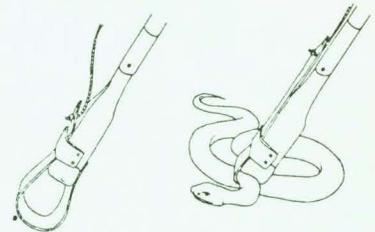
SERVIÇO

O que fazer para receber soro de graça

O Instituto Butantã tem grande necessidade de receber animais peçonhentos e não peçonhentos (venenosos e não venenosos), como cobras, aranhas, escorpiões e lacraias. Aqueles que têm veneno são utilizados na produção de soros e também são usados, como os não venenosos, em trabalhos de pesquisa. Muitas serpentes passam ainda a integrar a coleção interna, uma das maiores do mundo, bem como servem de alimentação para as ofiófagas (cobras que comem cobras).

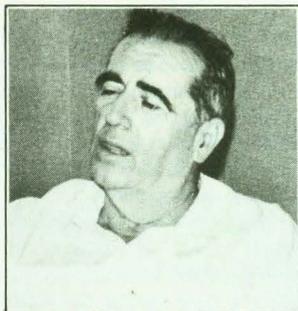
Por dois exemplares de cobras vivas enviadas, o Instituto Butantã permuta por uma ampola de soro. Ele fornece gratuitamente aos interessados caixas de madeira e laços de Lutz (ver figuras abaixo), bem como rótulos para colar nas caixas, tabela de permuta, normas para tratamento de acidentados e, é lógico, o soro. Também é gratuito o fornecimento de agulhas e seringas aos fornecedores que se encontram em locais muito distantes. As caixas na ida e volta são transportadas gratuitamente pela Rede Ferroviária Federal, Fepasa, Correio Aéreo Nacional e Vasp.

Ao usar o laço de Lutz, afrouxar toda a parte do couro e passar o laço por sobre a cabeça da cobra até mais ou menos 10 cm, contando da ponta do focinho; em seguida, puxar rapidamente a cordinha, mas não muito forte, para não matar ou machucar a serpente. A caixa para acondicionamento de serpentes é dividida ao meio, e em cada compartimento podem ser colocados três ou mais exemplares vivos. Nestas caixas elas podem permanecer sem alimentação ou água cerca de 30 dias no inverno e até 10 dias no verão. O material deve ser dirigido ao Instituto Butantã, *Chefia do Setor de Cadastro e Registro, Avenida Vital Brazil, 1.500, Cep 05504, São Paulo, SP.*



“O mundo está cheio de produtos agrícolas”

Em entrevista concedida ao Noticiário Tortuga, Bruno Borhy fala de política agrícola, reforma agrária, sêca...



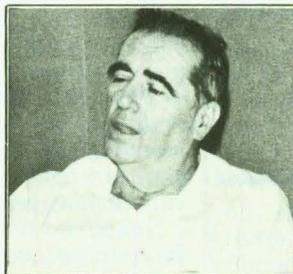
NT - O senhor seria capaz de fazer alguma previsão sobre a agricultura mundial?

BRUNO - Não sou capaz de fazer, de modo seguro, previsões sobre o futuro do mundo agrícola, pois não quero cair no mesmo erro de muitos outros economistas. Mesmo vivendo na era da informática, considero perigoso fazer qualquer tipo de projeção. Com isso não estou fugindo da responsabilidade, mas apenas levando em consideração dois fatos. Em primeiro lugar, dez anos atrás muitos especialistas previram a escassez de alimentos a partir dos anos 80, enquanto que hoje na Europa e nos Estados Unidos, os excedentes chegaram a um limite insuportável. Em

segundo lugar, neste momento dezenas de milhares de fazendeiros americanos estão falidos por excessiva euforia nos anos de 1975 a 1982, pois foram convencidos que haveria grandes possibilidades de colocar no mercado mundial seus produtos e que a terra apresentaria grande valorização. Neste momento, o preço de suas terras caiu em mais de 50% e muitos deles não têm praticamente mais nada.

NT - Que tipo de medida o senhor acredita que deva ser tomada para resolver esse problema?

BRUNO - É absolutamente necessário haver um acordo global entre as grandes potências para encontrar um ponto de equilíbrio. Os Estados Unidos e os países da Comunidade Econômica Européia têm que reduzir drasticamente sua produção agrícola, pois não está havendo condições de colocá-la no mercado mundial. Isso inclusive aliviaria a tensão que ocorre atualmente entre as nações subdesenvolvidas, que também



enfrentam dificuldades para escoar suas safras, como é o caso das de açúcar, arroz, café, carne, etc. O presidente dos Estados Unidos sonha com a liberdade de mercado, o que é totalmente irrealista, pois isto significaria guerra econômica. Acho que não vai ser fácil para os políticos convencerem os agricultores americanos e europeus para reduzir suas produções, mas esta medida impopular terá que ser tomada. Por outro lado, o preço da estocagem dos alimentos está chegando a cifras inimagináveis.

NT - O que o senhor tem para falar a respeito da seca que assolou a agricultura brasileira?

BRUNO - Como o mundo está cheio de produtos agrícolas, que podem facilmente serem comprados e pagos a longo prazo, acredito que na área de abastecimento não vai ter problemas. Acho que a seca não pode ser encarada emocionalmente, sob o perigo desse tipo de reação ser pior do que a própria sêca, como é o caso especificamente dos grandes projetos de irrigação e da aceleração da reforma agrária. Decisões sobre esses assuntos devem ser tomadas de cabeça fria e nunca sob a influência de fenômenos que se verificam raramente. Não achei certo ver algumas autoridades aconselharem o replantio das culturas perdidas. Neste momento tenho três sugestões para o Brasil: importar somente o necessário, ajudar financeiramente o

agricultor dentro de um certo limite e apertar os cintos.

NT - Como o senhor vê a reforma agrária que está sendo implantada no país?

BRUNO - Não posso exprimir opinião sobre esse assunto, pois ainda são muitos prematuros seus resultados. Todavia, tenho experiência pessoal da reforma agrária ocorrida na Itália de 1952 a 57, o único país do Ocidente que a realizou nos últimos anos. Recomendando a troca de informações entre brasileiros e italianos nesse campo, pois em que pese as diferenças entre os dois países, alguma coisa de positiva poderá surgir nas conversas.

NT - Qual o tipo de análise o senhor faria sobre a situação econômica do Brasil?

BRUNO - Sou muito curioso para conhecer o que pensa o homem comum do campo e da cidade. Nesta minha viagem ao Brasil constatei a grande facilidade de trocar por cruzeiro pequenas quantidades de dólares na rua mesmo, com gente simples do povo. Isso significa que o brasileiro está perdendo confiança na moeda nacional. Por outro lado, acho que a inflação é uma besta terrível e é um sonho, pura ilusão, imaginar controle da inflação com desenvolvimento. As medidas para combatê-la são as mesmas em todo o mundo. Os brasileiros precisam preparar-se para a austeridade, pois somente assim o futuro será mais estável e seguro.



Personalidade

Quem é Bruno Borhy, o “Mister World”. “Ele é um cigano, um faminto de notícias”, assim Bruno Borhy é definido por seu amigo Fabiano Fabiani, presidente da Tortuga. Nada mais verdadeiro. Formado em Ciências Agrárias pela Universidade de Bolonha, 65 anos, Bruno Borhy é um cidadão do mundo. Hoje pode estar conversando com o Ministro da Agricultura da Alemanha e amarelo viajando num jato, como pelas estradas empoeiradas do interior brasileiro. Tudo pelo fato de ser um obstinado pela informação agrícola. Genialidade. Consultor de grandes organizações internacionais, Bruno Borhy passou recentemente por São Paulo, onde veio ver de perto a seca, a reforma agrária e a situação econômica do país. Antes, andou de ônibus e trem por toda a América Latina, desde a Colômbia até a Argentina.